



Ao lado de Juscelino, o fotógrafo acompanhou toda a construção da nova capital, formando um acervo avaliado em milhões

Brasília: patrimônio sem memória

Hugo Marques

Na mesma época em que a Secretaria de Cultura do DF vem reunindo documentos sobre Brasília, para montar o Museu da Memória Candanga, um enorme acervo com milhares de documentos sobre a capital, desde a época em que Tiradentes queria transferir a para São João Del Rey, Minas Gerais, poderá ser vendido em Londres, Inglaterra. O reitor da Universidade de Brasília, Cristóvam Buarque, faz um alerta às autoridades locais e federais para a preciosidade dos documentos, antes que a História seja exportada, novamente.

Um acervo que reúne milhares de documentos históricos sobre Brasília, desde um selo da Inconfidência Mineira, quando Tiradentes queria a capital em São João Del Rey, até os objetos pessoais de Juscelino Kubitschek, poderá ser vendido nestes próximos meses, em leilão, em Londres, Inglaterra. Este museu particular está guardado nos quartos do apartamento 404 do bloco C, quadra 305 Sul. O dono é o fotógrafo João Gabriel "Gondim" de Lima, que passou 29 anos reunindo a documentação, mas não acha no Brasil um interessado em comprar as peças.

"Em outubro de 87 enviei 20 cartas a autoridades dos governos federal e do DF, oferecendo meu acervo, mas ninguém se manifestou", afirma Gondim, que começa nos próximos dias a fazer contatos com "leiloeiros de acervos" londrinos, a fim de exportar a história de Brasília. O preço que ele pede pelos documentos foi baseado no tempo que gastou para reuni-los e no próprio dinheiro investido: 120 mil Obrigações do Tesouro Nacional (OTN), ou seja cerca de Cz\$ 98,5 milhões.

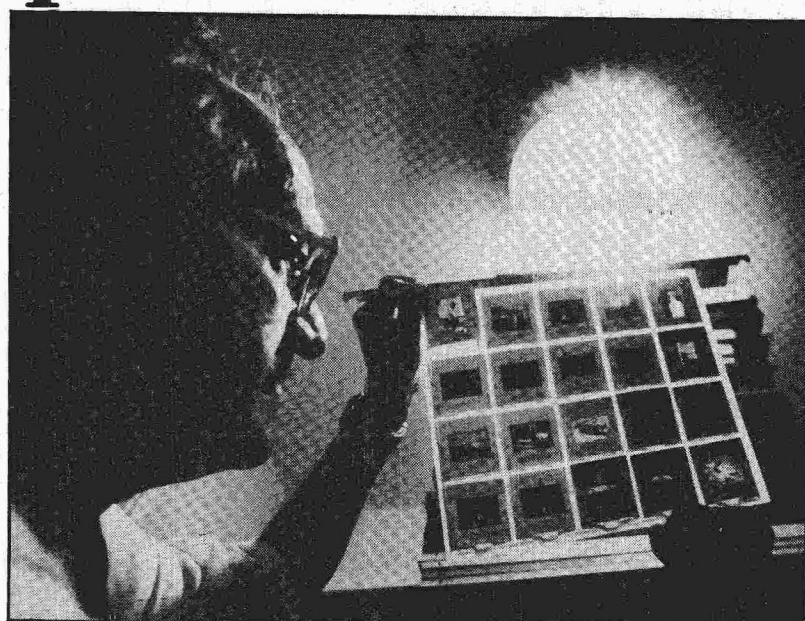
Se valem ou não as 120 OTNs, é uma questão de avaliação, que ainda não foi feita por algum interessado. A verdade é que Gondim tem em seu apartamento 500 livros sobre Brasília, 6 mil selos históricos, mais de 6 mil postais, 200 plantas do Plano Piloto, milhares de fotografias e outros incontáveis objetos. "Tenho as medalhas de ouro do Juscelino quando ganhou na inauguração de Brasília. Tenho também o relógio Cartier, em ouro, de uso pessoal do presidente", relata o fotógrafo.

Dificuldade

Os documentos de Gondim sobre Brasília não se referem apenas ao período de inauguração da cidade, em abril de 61. "Tenho a planta da Comissão Exploradora do Planalto, presidida pelo doutor Luiz Cruls, de 1895. Quem nomeou esta comissão, para demarcar o terreno da futura capital no Planalto Central, foi o marechal Floriano Peixoto, em 1892", afirma Gondim. Para reunir todos esses objetos, ele diz que teve muita dificuldade. "Fui cinco vezes a Santos para conseguir o relógio de Juscelino".

Segundo Gondim, o reitor da Universidade de Brasília, Cristóvam Buarque, se dispôs a conseguir espaço para montar o Museu de Brasília, mas alegou que só o faria se alguém se dispusesse a comprar o acervo, que a UnB não dispõe de tais recursos.

As cartas oferecendo o acervo, foram endereçadas ao ministro da Cultura, Celso Furtado; ao governador do DF, José Aparecido; ao presidente das Organizações Globo, Roberto Marinho e ao dono da TV e Revista Manchete, Adolf Bloch, entre outros. Nenhuma resposta concreta. O GDF, segundo o fotógrafo, descartou a possibilidade de colocar o acervo no já existente Memorial JK. "O Oscar Niemeyer não permitiu peças sobre Brasília no Memorial, mas esquecem que não se pode falar na cidade sem falar em Juscelino", afirma Gondim. E hoje ele sobrevive, além dos free-lancers da fotografia, expondo slides sobre a cidade justamente no Memorial JK.



Gordin, pioneiro, registra a história de Brasília desde 1959

O acervo vai a leilão

Em 1959, dois anos antes da inauguração da cidade, o fotógrafo João Gabriel Gondim de Lima mudou para Brasília. Deixou em Fortaleza, Ceará, mulher e três filhos que vieram três anos depois, quando ele montou um estúdio na Avenida W3, quadra 12, hoje 512 Sul. Fotografou estruturas dos prédios, a Catedral, Juscelino Kubitschek, "candangos" e tudo o que faz parte da história da cidade.

Em 1963, uma tragédia. O estúdio pegou fogo e o material que restou do laboratório foi transferido para seu apartamento, na 305 Sul. Surge aí um hobby: colecionar documentos que contassem a história da capital federal. "por que eu não tinha nada para fazer", lembra. Ao longo do tempo, todo material acumulado foi catalogado. "Tudo que queriam saber sobre a cidade, vinham a mim", diz ele, que considera Brasília sua "filha". Gostou tanto da cidade que tem 31 mil fotografias e 25 mil slides sobre ela.

Livro

"Revolta ver tanta coisa parada. Dá dó. Não dá para entender, temos o Patrimônio Cultural da Humanidade (Brasília), com a sua história dentro de um quarto", afirma o empresário e marchand Reginaldo Lobão, que vai ajudar o fotógrafo Gondim a vender o acervo em leilão londrino. Na opinião dele, o acervo do amigo tem um valor histórico e cultural muito grande para ficar confinado.

O fotógrafo Gondim, aparentemente desânimo pelo trabalho não reconhecido, diz: "Queria que todas as pessoas conhecessem meu acervo. Meu museu é diversificado". Enquanto o acervo não é vendido, ele prepara um livro, "Gondim, o Garimpeiro da Memória de Brasília", com material que, segundo ele, vem "garimpando" no apartamento. "Não sei quando o livro sai, também não sei quantas fotos vão compor a obra".

UnB quer as fotos na cidade

O reitor da Universidade de Brasília, Cristóvam Buarque, disse que vem fazendo "o maior esforço possível" para que o acervo do fotógrafo João Gabriel Gondim de Lima fique na cidade. Ele afirmou que manteve vários contatos com empresários do setor privado e junto a ministérios, para comprar o acervo, porém sem muito sucesso. Na opinião dele, seria "um absurdo" Brasília perder um acervo "maravilhoso".

Cristóvam Buarque lança um desafio: "Faço uma proposta para que nos encontremos, todos aqueles com responsabilidades pela cidade, para que nos juntemos de maneira a manter o patrimônio em Brasília, seja na UnB ou em qualquer outro museu". Na opinião dele, o acervo do fotógrafo Gondim merece mais atenção por parte das entidades culturais. "É a mais completa fonte histórica que conheço sobre a cidade. Não podemos perdê-la. O que nossas futuras gerações vão dizer de nós, governadores, reitor da UnB, empresários e cidadãos?", pergunta o reitor.

Cristóvam Buarque não questiona o valor pedido pelo fotógrafo

para pagar todo o acervo, ou seja, Cz\$ 98,5 milhões. "Não dá para estipular o valor, pois o museu dele tem até moedas de ouro, possui um valor também líquido". O reitor acha que deve haver uma mobilização geral, antes que todo o acervo seja vendido em Londres.

Memorial

O secretário-geral do Memorial JK, Affonso Heliodoro dos Santos, como o reitor da UnB, classifica o acervo do fotógrafo de "maravilhoso, tecnicamente organizado". Na opinião dele, seria uma "aquisição formidável" para a cidade. Heliodoro afirma que para o Memorial JK todo o acervo não teria utilidade. "Não dispomos de espaço e ele só vende o acervo todo".

"Vale um alerta para as autoridades da cultura brasileira", avisa o secretário-geral do Memorial JK, para quem o acervo do fotógrafo Gondim talvez seja o único atualizado: "Uma história de Brasília a que pode ser dada continuidade". A coleção do fotógrafo é tão importante, avisa Heliodoro, que dele saem os 200 slides projetados no Memorial todos os domingos, às 17h00.

Obra pode ser de museu local

A assessora do Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria de Cultura, Graça Coutinho, disse que a entidade tem o "maior interesse em adquirir" o acervo do fotógrafo Gondim de Lima, já que está sendo montado o Museu da Memória Candanga em Brasília. O departamento deu parecer favorável à aquisição mas na época, diz a assessora, não tinha

condições de fazer uma avaliação técnica do material.

O Museu da Memória Candanga será instalado em um prédio próximo à entrada do Núcleo Bandeirante, no antigo acampamento do IAPI. O secretário da Cultura, D'Alambert Jaccoud, não quis receber a reportagem para falar sobre o acervo do fotógrafo.